



A REPÚBLICA DE PALMARES¹

Arthur Ramos²

Palmares foi a primeira grande epopéia que o Negro escreveu em terras do Brasil. Não foi um simples *quilombo* como todos os outros. Palmares passou à história brasileira como uma grande tentativa negra de organização de estado. Um estado, com tradições africanas dentro de Brasil. Foi uma desespe-

¹ Excerto do livro "*O Negro na Civilização Brasileira*" (apítulo IV), de Arthur Ramos (1903-1949), edição da Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1956.

² **Cargos exercidos em vida:** Catedrático de Antropologia e Etnologia da Universidade do Brasil - Chefe do Departamento de Ciências Sociais da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO) - Organizador e Chefe do Serviço de Neuro Psiquiatria do Serviço Central de Escolas-Hospitais do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, D.F. - Prof. de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal - Fundador e Chefe do Serviço de Higiene Mental do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, D.F. - Médico Legista do Serviço Médico-Legal do Estado da Bahia (Instituto *Nina Rodrigues*) - Médico Assistente do Hospital S. João de Deus, Bahia.

rada reação à desagregação cultural que o africano sofreu com o regime da escravidão. Qualquer coisa semelhante ao fenômeno da Guiana Holandesa, com as fugas de escravos no século XVIII.

A república de Palmares foi um estado negro que os escravos fundaram no Brasil em pleno século XVII. Localizado no Nordeste brasileiro, no centro de atual Estado de Alagoas, Palmares estendeu-se de 1630 a 1697. Durou, portanto, mais de meio século a extraordinária empreitada.

A sua história não está suficientemente escrita. Foi tão inacreditável a empresa dos Negros, que a crônica de Palmares ainda até hoje se acha envolvida num espesso véu de lenda.

A maioria dos historiadores brasileiros assinala a data de 1630 para o início dos *quilombos* que iriam constituir Palmares. Mas tudo leva a crer que as fugas de Negros escravos naquela região vinham se dando em datas muito anteriores. Fugidos das cidades e dos engenhos os Negros internavam-se pelas matas de Alagoas, no vale do Rio Mundaú, como provam documentos do começo do século XVII.

A invasão dos holandeses em Pernambuco e as lutas que se seguiram para a expulsão dos invasores, deram aos Negros magnífica oportunidade de organizarem os seus quilombos. Os cronistas do domínio holandês no Brasil, e especialmente Gaspar Barleão, referem-se aos quilombos de Palmares e à expedição vitoriosa levada a cabo por Rodolfo Baro, em 1644. Estes *quilombos* estavam situados próximos ao local onde hoje é a cidade alagoana de Porto Calvo. Estavam divididos em *pequenos e grandes Palmares*, nome que se deve à grande abundância de palmeiras (*palmae*) existentes nas matas de Alagoas.

Nina Rodrigues, um dos mais completos historiadores de Palmares, distinguiu ali três fases: a do Palmares holandês, destruído em 1644 por Baro; a do Palmares da restauração pernambucana (1674); e a do Palmares terminal, destruído definitivamente em 1697.

É impossível, porém, assinalar períodos distintos e nitidamente

delimitados, aos quilombos dos Palmares. Parecem antes constituir um ciclo de atividade, o resultado do estabelecimento de vários quilombos, sucessivamente destruídos e restaurados, com períodos alternados de decadência e de esplendor.

Sobre o Palmares do período holandês, a crônica de Barleão diz que era dividido em grande e pequeno Palmares, o primeiro com cinco e o segundo com seis mil habitantes. Escreve ainda Barleão, que em 1644, o príncipe Maurício de Nassau, para por termo aos prejuízos que à colônia causava o quilombo Palmares, enviou uma expedição chefiada por Barleão.

Esta expedição, composta de soldados holandeses e índios tapuios, enfrentou seis mil quilombolas, incendiou a aldeia, matando grande quantidade de Negros, aprisionando trinta e um.

Julgou Barleão haver destruído Palmares, mas a maioria dos Negros logrou fugir para se reorganizar em outro local.

Disto dá notícia o Diário de Viagem do Capitão João Blaer aos Palmares, em 1645. Foi uma nova expedição holandesa que partiu da lagoa Salgados, ao sul de Alagoas, e encontrou os dois Palmares, o velho, abandonado há três anos por insalubre, e o novo.

Do Velho Palmares, dizia o Diário que tinha meia milha de comprimento e duas portas que eram cercadas por duas ordens de paliçadas ligadas por meio de travessões. Nas imediações, havia muitas plantações abandonadas.

O Novo Palmares foi alcançado pela expedição de Blaer três dias depois. Constava também de uma enorme rua, estendida de Oeste a Leste. "As casas - dizia o Diário - eram em número de 220 e no meio delas erguia-se uma igreja, quatro forjas e uma grande casa de conselho: havia entre os habitantes toda a sorte de artífices e o rei os governava com severa justiça, não permitindo feiticeiro entre a sua gente e quando alguns Negros fugiam mandava-lhes crioulos ao encalço e uma vez pegados eram mortos, de sorte que entre eles reinava o terror, principalmente nos negros de Angola.

O rei também tem uma casa distante dali duas milhas com uma roça muito abundante."

As informações deste novo Palmares foram dadas aos expedicionários por alguns poucos Negros, velhos, mulheres e crianças, pois o rei e suas tropas haviam fugido. Das informações colhidas, apuraram que esse Palmares se compunha de uns mil e quinhentos Negros que foram destroçados, mortos e aprisionados, e incendiadas as casas.

Um importante manuscrito, de autor desconhecido, e oferecido ao Instituto Geográfico e Histórico do Rio de Janeiro pelo conselheiro Drummond, dá-nos uma notícia da existencia de vários quilombos, em Palmares, distribuídos numa extensão de mais de sessenta léguas, numa vasta região de palmeiras cortadas de matas, e indo da parte superior do rio S. Francisco até o sertão do cabo de S. Agostinho. A parte mais importante dos quilombos ficava nas fraldas da serra da Barriga, em Alagoas. Havia lá os mocambos do Zambí, do *Arutirene*, das Tabocas, de *Dambruganga*, de *Subupira*, da *Cerca Real do Macaco*, de Osengá, do Amaro, de *Antalaquituxe*.

Cerca Real do Macaco era a capital daquela confederação negra. Tinha mais de mil e quinhentas casas e era fortificada com uma cerca de pau-a-pique com estrepes de ferro. O rei – diz o manuscrito – "habita na sua cidade real, que chamam Macaco, nome sortido da corte que naquele lugar se deu a um animal destes; esta é a metrópole entre as demais cidades e povoações; está fortificada toda em cerca de pau-a-pique, com trincheiras abertas para ofenderem a seu salvo os combatentes, e pela porta de fora toda se semeia de estrepes de ferro de forros tão cavilosos que perigava nêles a maior vigilância; ocupa esta cidade dilatado espaço; há entre eles ministros de Justiça para as execuções necessárias e todos os arremedos de qualquer República se acham entre eles ...

... reconhecem todos obediência a um que se chama o Ganga Zumba, quer dizer Senhor Grande, a este tem por seu rei e senhor, todos os mais naturais dos Palmares como vindos de fora; tem palácio, casas de sua família, é assistido de Guardas e Oficiais que costumam ter as casas reais; é

tratado com todos os respeitos de Rei e com todas as cerimônias de Senhor. Os que chegam à sua presença põem o gijolho no chão e batem as palmas das mãos, sinal do seu reconhecimento e protestaçaõ da sua excelência; falam-lhe por majestade, obedecem-lhe por admiraçaõ."

Além do Ganga Zumba, havia outros potentados, como o Zona, irmão do rei, cabos e subchefes que habitavam os quilombos menos fortificados. Depois da expulsão dos holandeses do Brasil, foram feitas vinte e cinco expedições contra Palmares, havendo fracassado todas. Foi quando assumiu a direção da capitania de Pernambuco D. Pedro de Almeida, em 1674.

Constituiu um dos propósitos principais do govêrno de D. Pedro de Almeida a destruição dos quilombos dos Palmares. Preparou assim "elementos para uma campanha decisiva". Solicitou socorros, víveres, gente, munição e dinheiro a todas as câmaras; recrutou voluntários, acenando com prêmios aos que se alistassem; nomeou cirurgiões e religiosos; fez depósitos de víveres nas cidades e vilas próximas aos quilombos, etc.

Dois expedições coroadas de sucesso foram organizadas no governo de D. Pedro de Almeida. A primeira partiu em fins de 1675, e era comandada pelo sargento-mor Manuel Lopes Gaivão. Depois de quase um mês de marcha, descobriram am os expedicionários um vasto arraial de mais de duas mil casas, fortificado de pau-a-pique, com grande número de defensores. A luta foi renhida, e o quilombo só foi destruído depois da tática, usada pelos expedicionários, de lançar fogo às cabanas.

Não foram totalmente desbaratados os negros, pois conseguiram fugir e se organizar vinte e cinco léguas acima, em plena selva. Já neste primeiro combate se destacara o Negro que seria depois o grande *Zambi*, "Negro de singular valor, grande ânimo e constância rara", como está no manuscrito do Cons. Drummond.

A segunda expedição foi comandada pelo capitão Fernão Carrilho, que partiu em 4 de outubro de 1676, à frente de 180 homens. Foi uma série de vitórias e reveses, em que os quilombos destruídos aqui, se reconstruíam mais além. Informado Carrilho de que o rei *Ganga Zumba* e seu irmão *Zona* se

achavam no quilombo *Cerca Real de Subupira*, atacou com seus homens esta praça forte, mas encontrou-a reduzida a cinzas e deserta.

Fundou Carrilho neste lugar um Arraial a que deu o nome de *Bom-Jesus-e-a-Cruz*, centralizando aí a sua campanha.

Foram vários meses de correrias e caça pelas florestas, quando muitos Negros foram mortos, capturados, porém não destroçados de todo. Voltou Carrilho em janeiro de 1678, "dando os Palmares como destruídos", com a captura de muitos Negros, entre os quais dois filhos de *Ganga Zumba*.

Temendo novas conseqüências e guerrilhas com os *quilombolas* dispersos, enviou D. Pedro um alferes para propor-lhes paz, em troca da deposição das armas. Ficava assegurado aos Negros toda união e bom tratamento"... e que lhes concederia posição certa para suas habitações, e terras para suas roças; e ainda, que se lhes entregariam as mulheres e filhos que estivessem prisioneiros; e até que se os conservaria em seus postos e cargos, sendo que o denominado rei ficaria como mestre-de-campo de todos os nascidos em Palmares, os quais lograriam os foros de vassalos de elrei para ficarem debaixo da proteção de nossas armas e para servirem às nossas bandeiras quando a ocasião o exigisse, permanecendo livres todos os que tivessem nascido na sua liberdade."

A proposta de paz foi aceita e uma embaixada de Negros palmarinos foi recebida em Recife, debaixo de grande regozijo e festas populares. Compunha-se a embaixada de dois filhos do *Ganga Zumba* e mais dez Negros dos mais notáveis de Patinares. O Governador convocou um Conselho de "todos os grandes", brancos e Negros e lavrou-se um auto dos termos da pacificação.

Com estes propósitos voltaram os Negros às suas matas. Mas Zambi, sobrinho do rei *Ganga Zumba* desconfiou da promessa dos portugueses. Rebelou-se contra o seu tio, matando-o, reuniu os seus cabos de guerra, proclamou-se rei e declarou a luta. Ia começar o período mais turbulento de Palmares. O Zambi já era, àquele tempo, um chefe famoso, cujas façanhas deixaram atônitos os próprios soldados brancos.

Com a experiência das lutas anteriores, os Negros, agora dirigidos pelo *Zambi*, trataram de se concentrar num grande núcleo, criando uma grande fortaleza central que servisse de refúgio aos *mocambos* de menores proporções, da periferia. Esta fase da história de Palmares apresenta pontos muito controversos, mas sabese que várias expedições fracassaram totalmente. Os Negros exaltados, consolidam o seu domínio durante dez anos seguidos.

Foi, então, solicitado o concurso das *bandeiras* paulistas, já afeitas às guerrilhas nas matas brasileiras, nas suas expedições contra os índios. Entre os chefes famosos daquelas expedições, contava-se o *mestre-decampo* Domingos Jorge Velho, que já havia devassado os sertões brasileiros até o Maranhão.

O governador de Pernambuco propôs a Domingos Jorge Velho a conquista de Palmares, mediante um acordo celebrado em 1687. O chefe paulista deveria juntar-se às tropas pernambucanas, em Porto Calvo, para dali marcharem contra Palmares. Mas, calculando mal a resistência dos Negros palmarinos, Domingos Jorge Velho quis atacá-los, apenas com os seus homens, fazendo a viagem pelo interior, em vez de fazê-la pelo litoral. Neste primeiro encontro, a tropa de Domingos Jorge Velho foi fragorosamente batida e teve de retirar-se para Porto Calvo.

Não foi de todo inútil, porém, esta primeira expedição de reconhecimento. Verificaram os homens de Domingos Jorge Velho que o quilombo do *Zambi* tinha "mais de uma légua de circuito" e pareceu-lhes "tão bem fortificado que só lhe faltava ter artilharia". Os Negros ali estavam defendidos por três ordens de cerca, em que tinham muita confiança. Sobre o *Zambi*, escrevia o chefe paulista no seu relatório que "está deliberado a morrer dentro na estacada, pois está inexpugnável".

Em Porto Calvo, deliberou-se então reunir um poderoso exército de sete mil homens, dividido em três contingentes: o de Pernambuco, sob o comando de Bernardo Vieira de Melo; o de Alagoas, sob o comando de Sebastião Dias, e o dos paulistas sob o comando de Domingos Jorge Velho.

Com todas as precauções, marchou este exército em demanda a

Palmares. Ali, estabeleceram um cerco completo, ocupando as três portas do quilombo principal: Bernardo Vieira de Melo, a do centro, e os outros as laterais. A luta foi renhida e demorada. O heroísmo dos Negros palmarinos atingiu às proporções de uma epopéia. Infelizmente, esta última parte da história de Palmares, não teve o seu cronista como lamentou o historiador brasileiro Varnhagen. Sabe-se que as lutas se prolongaram anos seguidos e atingiram à sua intensidade máxima em 1695 e 1696.

Oliveira Martins deu à cidadela sitiada dos Negros o nome de Tróia Negra, "o mais belo e heróico de todos os protestos do escravo". Os Negros realmente assombraram, pela audácia, pelo arrojo, as tropas expedicionárias.

O reduto caiu em 1695 (em 1697, segundo outros historiadores), mas os Negros não se renderam. Quando os chefes expedicionários penetraram na praça sitiada, o Zumbi com os seus principais capitães e subchefes se haviam refugiado nos altos de um penhasco. Preferindo a morte à rendição, o Zumbi e seus heróicos companheiros se precipitaram do rochedo, "valentia que, ainda misturada de um furor brutal, mostrou a todo o nosso exército um espetáculo que se não pode deixar de ouvir com espanto..."

Palmares não assombra apenas pelo valor militar que revelaram os líderes negros. Mas também pelo exemplo de organização política e econômica que apresentou este verdadeiro Estado Negro, no Brasil, em pleno século XVII.

Constituído a princípio de escravos fugidos dos engenhos e das cidades (quilombolas), foi se desenvolvendo em quilombos, ou cidades negras, unidos entre si por laços de solidariedade política e militar. Os negros que fugiam dos engenhos encontravam abrigo e proteção nos quilombos. Com o tempo, tiveram os negros de raptar as mulheres de que careciam, verdadeiro roubo das Sabinas, como destacaram os historiadores. Palmares chegou a ter uma população de 20.000 almas.

A organização econômica era perfeita. Os Negros mantinham relações comerciais com os moradores das vilas vizinhas, levando os seus produtos de lavoura de cana, banana, feijão, etc., e trocando-os pelos artigos de que

necessitavam, como tecidos, instrumentos, armas e munições. Os Negros eram recebidos sem desconfiança e os negociantes atestaram a probidade com que se comportavam. Quando a luta se desencadeou contra eles, tornaram-se mais precavidos e enviaram agentes secretos, que ficaram sendo os intermediários de seus negócios.

Havia ordem nos quilombos e todos eram governados por um rei eletivo. Daí, ter o historiador Rocha Pita comparado Palmares a uma "república rústica, bem ordenada a seu modo". Melhor seria chamá-lo "monarquia eletiva", como o fez Aires do Casal.

Abaixo do rei, o *Zambi*, estavam os capitães, seus executores de ordens. Estes eram escolhidos entre os chefes militares mais valentes e capazes. A unidade política e social era o *quilombo*, reunião de pequenas habitações ou *mocambos*, construídos num recinto fortificado, de cerca de pau-a-pique, verdadeira muralha de grossos troncos, às vezes dispostos em três ordens de cerca, havendo, na parte interna e na parte externa, largas e profundas fossas, em cujo leito havia tabocas de pontas agudas. Dentro deste recinto, os mocambos se dispunham em ruas irregulares. A habitação do rei era sempre uma casa maior do que as outras, e servia ainda de casa de conselho e de quartel.

O *Zambi* tinha a sua guarda pessoal, ministros e possuía muitas mulheres e escravos. Os seus súditos muito o veneravam, obedeciam-no cegamente e só lhe falavam de joelhos.

Nesta *república*, desenvolveu-se um código moral elevado. O espírito de disciplina era absoluto. Instituíram tribunais de alta justiça, para os casos que excediam os delitos comuns. O homicídio, o adultério, o roubo, a deserção eram punidos com a pena de morte.

Os usos e costumes dos *quilombos* dos Palmares copiavam as organizações africanas de origem *bantu*, mas com as modificações introduzidas com os hábitos aprendidos no Novo Mundo. Infelizmente não se conseguiu fazer um estudo detalhado da organização dos Palmares. Apenas conseguimos

algumas informações, através dos relatos dos cronistas e dos expedicionários da época.

Mas foi realmente um Estado Negro, que os escravos brasileiros organizaram no século XVII, onde se evidenciaram as capacidades de liderança, de administração, de tática militar, de espírito associativo, de organização econômica, de constituição legislativa... do Negro brasileiro.

Palmares permanecerá sempre como um monumento à habilidade inata do Negro brasileiro em criar por ele mesmo, sem auxílios ou influências externas, os fatores essenciais a uma ordem social. É um caso curioso e instrutivo de fusão da experiência e dos elementos africanos com as imposições do novo meio na formação de um Estado em miniatura, manifestando todos os atributos de uma comunidade civilizada.

*Visão de Palmares e Zumbi,
meados do século 19*³

Joaquim Nabuco⁴

É este uma das lendas pernambucanas, tanto podem as crenças ingênuas dos povos, que começam doirar com as cores da poesia tudo que as impressiona.

Pelo tempo da invasão holandesa vários negros dos engenhos da capitania de Pernambuco, que confrontavam com a atual província de Alagoas, retiraram-se para os matos da serra do Barriga e de quarenta que mais ou menos eram ao princípio acharam-se com-o correr dos anos e com a prosperidade de seu governo reunidos em número de trinta mil. Não se tem marcado uma data certa para a instituição desse quilombo célebre nas de seu novo estado. O governo da capitania fez várias tentativas contra os Palmares, todas infrutíferas: o dia, porém, chegou da vitória dos portugueses. Caetano de Melo de acordo com João de Lencastro,

³ Excerto de “*A Escravidão*”, Fundação Joaquim Nabuco, número 204, revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
(www.livrariasaraiva.com.br/produto/produto.dll/detalhe?pro_id=437618&ID=C8B4AF767D50205171F170110).

⁴ Joaquim Nabuco (J. Aurélio Barreto N. de Araújo), diplomata, político, orador, poeta e memorialista, nasceu em Recife, PE, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, EUA, em 17 de janeiro de 1910. Compareceu às sessões preliminares de instalação da Academia Brasileira, onde fundou a Cadeira n. 27, que tem como patrono Maciel Monteiro. Designado secretário-geral da instituição na sessão de 28 de janeiro de 1897, exerceu o cargo até 1899 e de 1908 a 1910.

Era filho do senador José Tomás Nabuco de Araújo, "o Estadista do Império", e de Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, irmã do marquês do Recife, Francisco Pais Barreto. Estudou humanidades no Colégio Pedro II, bacharelando-se em letras. Em 1865, seguiu para São Paulo, onde fez os três primeiros anos de Direito. Formou-se no Recife, em 1870. Entrou logo para o serviço diplomático, como adido de primeira classe em Londres, depois em Washington, de 1876 a 1879.

vice-rei do Brasil, mandou Domingos Jorge, mestre de campo e comandante do terço dos paulistas, atacar o quilombo. Uma surtida dos negros provocou uma escaramuça em que houve quatrocentos feridos e mortos de cada parte, e seriam os portugueses completamente derrotados se não achassem prudente esperar em Porto Calvo, onde se refugiaram, o socorro da tropa e artilharia da capitania; a expedição então veio comandada por Bernardo Vieira de Melo, o destruidor dos Palmares. Contra os negros por assim dizer indefesos a artilharia portuguesa não teve precisão de manobra; o sino de muitos e muitos dias bastou porque logo apareceu a fome entre os sitiados que tiveram de fazer esforços desesperados. Impossível foi resistir, inermes e sem provisões como estavam, à fome e aos inimigos que os atacavam. Teve então lugar uma sanguinolenta luta: os defensores das portas foram todos dizimados, por assim dizer a população válida; alguns caíram prisioneiros com os velhos, as mulheres e as crianças.

Todavia o quilombo dos Palmares não devia ter o fim de uma horda de salteadores. Os mesmos historiadores que o caluniaram rendem justiça a seu heroísmo. Havia dominando a colônia e dominando o horizonte um grande outeiro que servia de atalaia ao reduto: foi do alto dele que se precipitaram o Zumbi e os seus principais companheiros de armas. Livre era aquela população como as hordas de sua primeira pátria; no seio dela mesmo os que tinham visto o céu da África eram muito poucos; quase todos tinham nascido naquele mesmo torrão e não conheciam os ferros do cativo: foi por isso que tanto heroísmo apareceu entre eles, o heroísmo de seus

antepassados que lutavam com o tigre e as feras e que se tinham adestrado nas guerras constantes de seus países. Qualquer que seja a opinião da história sobre esse episódio nacional, uma certeza temos nós todos, perfeitamente fundada: a certeza de que aquele punhado de homens, cujo heroísmo diante da morte foi tão imponente, não era um punhado de escravos: havia ali as virtudes da liberdade.

Os que restaram deles foram, para vergonha do regime colonial, internados ou postos fora da capitania e vendidos! Não carece de comentário essa venda de prisioneiros e de homens livres, a maior parte dos quais havia nascido quando seus pais tinham mais de vinte anos de liberdade no reduto." Não sendo possível restituir o neto ao antigo proprietário do avô, nem restituir o filho ao antigo senhor do pai, porquanto não se conheciam mais, depois de setenta anos, quais os descendentes de cada escravo fugido, o governo colonial ordenou a venda de todos, mulheres, meninos, feridos, que haviam sobrevivido.

Esse quilombo dos Palmares é um fato isolado na nossa história: os apontamentos dos contemporâneos são escassos; todavia ele é muito característico para que não nos fosse dado omiti-lo num livro sobre a escravidão. Foi a cínica tentativa dos negros entre nós para se emanciparem, e a história nada teria que acusar em rebeliões dessa ordem, se todas perdurassem com a mesma moderação e constância e morressem com o mesmo heroísmo.